

SAUDADES
DE
D. IGNEZ
DE CASTRO.

PELO LICENCIADO
MANOEL DE AZEVEDO
Conimbricense.

OFFERECIDA AO SENHOR
GUILHERME JOAQUIM
PAES VELHO.

PELO PADRE
JOÃO DE GOUVEA

Prisbitero do habito de S. Pedro.



LISBOA:

Na Officina JOAQUINIANNADA MUSICA DED.
Bernardo Fernandes Gayo, Morador na rua das Mudas.

M. DCC. XLV.

Com todas as licenças necessarias.

The Project Gutenberg eBook of Saudades de D. Ignez de Castro

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Saudades de D. Ignez de Castro

Author: Maria de Lara e Meneses

Release date: October 7, 2022 [eBook #69103]

Language: Portuguese

Original publication: Portugal: Offic. Joaquiniana da Musica, 1745

Credits: Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <https://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK SAUDADES
DE D. IGNEZ DE CASTRO ***

**SAUDADES
DE
D. IGNEZ
DE CASTRO.**

SAUDADES
DE
D. IGNEZ
DE CASTRO.
PELO LICENCIADO
MANOEL DE AZEVEDO
Conimbricense.
OFFERECIDA AO SENHOR
GUILHERME JOAQUIM
PAES VELHO.
PELO PADRE
JOÃO DE GOUVEA
Prisbitero do habito de S. Pedro.

Publisher mark; imagen da editora

LISBOA:

Na Officina JOAQUINIANNA DA MUSICA DED.
Bernardo Fernandes Gayo, Morador na rua das Mudaz.

M. DCC. XLV.

Com todas as licenças necessarias.

Decorative border; imagem decorativa

DEDICATORIA
AO SENHOR
GUILHERME JOAQUIM
PAES VELHO.

JUSTO era, que huma taõ excellente obra procurasse hum assyllo taõ excelso. Publica-se por meyo da estampa ao Mundo as Saudades de D. Ignez de Castro, Rainha taõ infeliz, como formosa, e vendo eu que he perigozo entregar nas mãos do vulgo cousa, para cuja seja materia a sua distracção, logo me occorre, que a offerta só era conveniente em V. M. porque sey, que como V. M. he dado às letras, não deyxará de amparar hum milagre da Poesia, e juntamente escurecer o alvedrio de hum Zoylo. Materia difficel seria o querer expór ao publico a Genelogia de V. M. que como conhecida não carece de explicação, mas só lembro a V. M. que o sangue, que lhe pulsa pelas veyas, mais logra de soberano, que de nobre. Dedicar o presente papel a V. M. he como divida, porque confórme, diz Seneca, só se conhecem as remuneraçoens pelo offerecimento, por essa causa quando eu tenho recebido taõ dilatados favores, porque razão não heyde de manifestar o quanto sou devedor a V. M. Aceyte pois o presente obsequio como divida, porque só assim lograrey eu a ventura de acertar quando me lembro da sua generosidade para o restituir. A pessoa de V. M. guarde Deos pelos annos, que todos os seus amigos dezejamos.

Amigo, e Venerador de V. M.

O P. Joaõ de Gouvea

Decorative border; imagen decorativa

SAUDADES DE DONNA IGNEZ DE CASTRO.

I.

ERA na meya idade, a ã chegava
Em fraguas de Zafir o Sol, ã ardia,
e nas asas do tẽpo, ã passava,
Icaro de seus rayos era o dia
Quando pois com as chammas se abrasava,
Que morrer incendiado entã queria,
Sendo por renascer com novo alarde,
Em cinzas de rubim Féniz da tarde.

II.

Na lisongeira planta se enlaçava
Cortez o vento com gentil porfia,
E nos jardins a Rosa, que encalmava,
Em berços de esmeralda adormecia:
A simples avesinha se banhava
No murmúreo correr da fonte fria,
Renovando na vista o doce alento,
Narciso nos crystaes, Orfêo no vento,

III.

Mas Ignez só, que por penar vivia,
Naufragava em soluços cada instante,
Ignez, aquella Ignez, que amor fazia
Por lhe dobrar as magoas mais constante:
Aquella, em cujas graças competia
Ser formosa, discreta, e ser amante,
Em cujas prendas não tiveraõ parte
Artifícios da industria, invenções da arte.

IV.

A que nos dotes da alma taõ possante,
Discreta, grave, terna, e generosa,
Que da mesma bellesa sendo Atlante,
Tinha por menór prenda o ser formosa:
Nos donaires do talhe taõ galante,
Nos alinhos da graça taõ vistosa,
Que topando na culpa de Narciso,
Fora sem culpa seu discreto aviso.

V.

Mas qual o passarinho descuidado,
Lisonja mais gentil da tenra idade,
Foy das mãos do menino aprisionado,
Que lhe roubou no laço a liberdade:
Que quando delle mais galanteado,
Exprimenta no mimo a crueldade:
E quando a côr das pennas lhe contenta,
Nas que lhe tira, mais lhas accrescenta.

VI.

Tal Ignez na manhaã dos ternos annos,
Nas primeyras Auróras da esperança,

Deo nos laços de amor doces enganos,
Do vendádo rapaz linda vingança;
Mas os golpes da Parca deshumanos
A beleza por flor em flor alcança,
Exprimentou na sempre amarga sorte
Por mãos do Deos do amor armas da morte.

VII.

Eraõ gentil emprego a seus cuidados
As finesas de Pedro, que a beldade
Nelle soube trazer aprisionados
Sceptro, corôa, vida, e liberdade:
Entre ambos tinha amor já taõ ligados
Os soltos alvedrãos da vontade,
Que foy nelles baldado, e foy perdido
Nascer Antéros por crescer Cupido.

VIII.

Mas oh tyranna dor amor inventa!
Forçosa foy de Pedro a dura ausencia,
Atropos da alma, que da pena isenta,
Nella sabe sentir mortal violencia:
Como preso, partir-se Pedro intenta,
E sente na alma, Ignez, nova inclemencia,
Que quer a sorte, pois amor ordêna,
Onde não chega a morte, offenda a pena.

IX.

Quantas vezes, Ignez, no pensamento
Este desár notaste a teus favores?
Quantas vezes, Ignez, na mão do vento
Os viste, e vês agora, e verás flores:

Tanto nas affeições, gosto avarento,
Este pesár sentiste em teus amores,
Que não posso dizer, que neste emprego
Estavas, linda Ignez, posta em socego.

X.

Entre os braços de Pedro, ardête Fragoa,
Se encosta Ignez sem vida, e sem sentido,
Que multiplíca a dôr, e dobra a magoa
Lograr presente o bem, que he já perdido:
Dos olhos sólta dous chuveiros de agoa,
Oceãos de neve, onde Cupído
Quiz da belleza já colhendo as velas,
Chegasse a tempestade até as estrellas.

XI.

Qual em berços de purpura vistosa,
Delicias da manhã, da tarde empresa,
Dos melindres de flor enferma a Rosa,
Desmayado o verdôr, murcha a lindesa;
Pois a que foy de Abril pompa lustrosa,
Livro do amor, emblema da belleza,
Perde a graça, por vêr que o Sol lhe talha
Do mesmo carmesim gala, e mortalha.

XII.

Tal do fogo de amor na immensa calma
A côr Ignez perdeo, que amor ordena,
Os desmayos, que tinha impressos na alma,
Trasladasse no rosto a viva pena:
Já despojo da dôr, da magoa palma,
Com respirar de flor, arde Açucena,

Exhála nova dôr ao pensamento,
Em saudosos ays o doce alento.

XIII.

Ay! cadûco prazer, diz lastimada,
Esperança de hum bem, doce tormento,
Ay! que por verde murchas apressada,
Primavéra do amor, da dor portento:
Ay! melindrosa flor agonizada,
Despojado Jasmim de qualquer vento,
Que quando nasce traz na mesma alvûra
Gala, mortalha, berço, e sepultura.

XIV.

Ay! que chegas, oh dia! em que amor tira
Duas almas de hum peito, oh noite fria!
Oh noite, digo, porque a quem suspira,
Fóge a luz, morre o Sol, acaba o dia:
A bocca, de que hum ay, outro ay, retira,
Jà cansando, mais bayxo repetia,
Paray Senhor; mas hum soluço ardente
Suffóca o *par*, repete o ay sómente.

XV.

Paray, torna a dizer, meu gosto amado,
Gloria desta alma, em quanto gloria tinha;
Mas ay alivio meu! ay meu cuidado!
Como podeis parar, se gloria minha!
Mas se destîna o Céu, e manda o Fado
Esta alma castigar, que amor mantinha,
Deixai-me a vossa, porque a sorte ordene,
Mais almas tenha, porque assim mais pene.

XVI.

Mas não, que he contra amor esta porfia:
Mas não, que deyxo amor nisto aggravado:
Muitas almas não quero, que sería
Repartir o tormento a meu cuidado:
Mas se a pena permite a companhia
Nesta ausencia cruel, oh triste Fado!
Antes que a dor ma roube da partida,
Levai-me, vida minha, a minha vida.

XVII.

Só com vosco, Senhor, irá segura,
Sem que mortal achaque lhe aconteça;
Porque talvez do Fado a sorte dura
Fóra deste meu peito a desconheça:
Nem poderá temer minha ventura,
Que sombra de pesar vos entristeça;
Pois farey no tormento mais esquivo
Correr por conta da alma o sensitivo.

XVIII.

Se só para viver na ley de amante
Forçosa seja a vida repetida;
Ay! Senhor, que não póde ser bastante
Para viver ausente huma só vida:
Porém se amor de vidas taõ possante,
Huma nos deo para ambos repartida,
Postoque a dôr entre ambos se accommôda,
Melhor vos partireis levando-a toda.

XIX.

Cá me fica outra vida, que não passa,
Com que padeça morte repetida,
Que quer amor tyranno, que renaça
Huma vida das cinzas de outra vida:
Que como taõ crueis penas me traça,
Como me traz em fogo convertida,
A acabar, outra Feniz, me condena,
Morrendo em cinzas, renascendo em pena.

XX.

Ah! quem cuidára, amor, que meus amores
Fossem fingidas sombras mentirosas?
Ah! quẽ cuidará, amor, que em teus favores
Fossem mais as espinhas, do que as Rosas?
Mas depois, que triunfo a teus ardores,
Foraõ de Marte as armas generosas;
Taõ guerreyro ficaste, ufano, e forte,
Que bem pódes matar a propria morte.

XXI.

Mas pois forçosamente me condena,
A que vos ausenteis, ah tyrannia!
Deyxai, deyxai Senhor, deyxai-me a pena,
Porque só della quero a companhia:
Na noite mais escura, ou mais serena
(Que para ausentes nunca nasce o dia)
Chorarey, permittindo-o minha estrella,
Mais do que a saudade, a causa della.

XXII.

Nas remontadas penhas, nas visinhas
(Se restar a meus ays penhasco possa)

Vos buscaraõ, Senhor, lagrimas minhas,
Minhas se póde ser, sendo a alma vossa:
De meus annos a flor entre as espinhas
Passarey, sem perder esta fé nossa;
Mas antes perderão seu bruto alento
O mar, o fogo, o ar, a terra, o vento.

XXIII.

Mas oh! que he tal a dor de meus retiros,
E taõ firme na ley da tyrannia,
Que vendo, que me assistem meus suspiros,
Talvez delles me roube a companhia:
Mas inda mais, e mais acérbos tiros
Contra mim fulminar amor porfia;
Pois sem dar atençaens á minha queyxa,
Por mais só me deyxar, sem mim me deyxa.

XXIV.

Qual quando na manhaã naufrága o dia
Nos undósos crystaes, que o Céu desata,
O Jasmim desmayado se agonía
Dos acháques da gotta, que o maltrata:
Em desares trocando a galhardia,
Icaro já nas agoas se retrata,
O que lisonja foy taõ prateada,
Se no prado jasmim, nas ondas nada.

XXV.

Tal Ignez já de lagrimas banhada,
De seus olhos gentis mortaes desares,
Que quiz a natureza acautelada
Que o Occaso de dous Sóes fosse dous mares.

Exhalava de todo agonizada
O suspiro final a seus pesares:
Que com vir entre lagrimas undosas,
Inda na bocca achou maré de rosas.

XXVI.

Já Pedro em fim rendido a seu cuidado,
A dôr quer disfarçar a seu retiro;
Que como o coração tem já quebrado,
Hum pedaço lhe traz cada suspiro:
E como em fim no peito agonizado
Sente da mortal frecha o novo tiro,
Notando Ignez no pranto de seu rogo,
Exhála em agoa, quanto bebe em fogo.

XXVII.

Naõ chores, diz, formosa Ignez, agora
Ficar ausente sem partir commigo,
Que se es vida da minha, que te adora,
Na alma te levo por viver contigo:
Naõ pertendo ausentar-me hoje, Senhora,
Supposto que partir-me em fim prosigo;
Que se as almas trocar amor consente,
Nem tu só ficas, nem me parto ausente.

XXVIII.

O corpo só se ausenta, a alma naõ parte,
Que em fim naõ vivo de potencias suas,
Que como me alimento só de amar-te,
Bastaõ para viver memorias tuas:
E porque amor nos tiros, que reparte,
Fulmina contra mim frechas mais cruas;

Quando a vida me rouba, outra me ordena,
Que fora em fim matar-me a menor pena.

XXIX.

Mas nota, Ignez formosa, esta fineza,
A fazer impossíveis offrecida,
Pois que contraminando a natureza,
Teu mesmo amor me mata, e me dá vida:
Mas como amor notou nessa beleza
Os impossíveis só de merecida,
Quiz tomar por razão força infallível,
Obrar por alcançá-la outro impossível.

XXX.

Bem vês agora, Ignez, como abrasado
Nos vivos holocaustos de meu peito,
Meu coração consagro a teu cuidado
Em victimas de lagrimas desfeito:
Agora alcançarás, como alentado
Todo me sacrificio a teu respeito,
Pois chega a consagrar-te em viva calma
Sangue do coração, reliquias da alma.

XXXI.

Sucçeda á Primavera o secco Estio,
Á serena manhã tarde calmosa,
Seja manso regato, quem foy rio,
Sejaõ seccas reliquias, quem foy Rosa:
Seja, quem Cravo foy, cadáver frio,
Seja quem foy Jasmim, cinza olorosa
Seja tudo á mudança em fim sujeito,
Que amor firme será dentro em meu peito.

XXXII.

Nessas gentís madeixas da beldade,
Em cuja luz do Sol o Sol se nega,
Onde feito piráta da vontade
Nas crespas ondas sempre amor navega:
Nessas, digo, captiva a liberdade
Em refens minha fé por fé te entrega:
Nellas deixo por fim com meus alentos
Alma, cuidados, vida e pensamentos.

XXXIII.

A Deos delicia minha, a Deos cuidado,
A Deos Senhora, a Deos, que amor cõsente,
Que parta em fim nas magoas sepultado
Se partir posso de mim mesmo ausente:
A Deos, que amor nos tinha decretado
Esta ausencia cruel, forçosa, urgente;
Mas ay! formosa Ignez, ã em vaõ me queixo:
A Deos, ã em fim me parto, em fim te deixo.

XXXIV.

Já se remonta Pedro a seus retiros,
E já de morte em morte Ignez discorre,
Que como entrega a vida a seus suspiros,
Quantas vezes suspira, tantas morre:
O coração sentindo acérbos tiros
Pelos olhos sangrado em crystaes corre;
Mas oh! que no sangrar-se em vaõ se cansa,
Porque em cada sangria huma alma lança.

XXXV.

Qual na secca vergóntea desfolhada,
Que despojo restou da tempestade,
Se lamenta em requebros lastimada
A casta Rola posta em soledade:
Soluça, pasma, e geme agonisada,
Chora, suspira, anéla em crueldade,
Que seu pesar lhe tem no peito unidos
Rigores, magoas, lastimas, gemêdos.

XXXVI.

Tal lastimada chora Ignez saudosa,
No seu mesmo tormento sepultada,
Nos desvélos do dia cuidadosa,
Nos descuidos da noite desvelada;
Já se queixa em suspiros lastimosa,
Fórma razoens dos ays agonisada:
Que fez para queixar-se em seus retiros.
Embaixadores da alma seus suspiros.

XXXVII.

Oh! quanto foy de ti teu Pedro amado,
Formosa Ignez, mas inda mais sentido;
Pois sendo grande a gloria de logrado,
Hoje he mayor a magoa de perdido:
Foy teu prazer á pena apensionado,
He teu pesar na pena desmedido:
Então foraõ de Rosas teus favores,
Agora saõ de Lirios teus amores.

XXXVIII.

Já nos braços da Aurora, que assomava,
Renascido chorava o novo dia,

Quando Ignez saudosa então negava
A seu triste pesar a companhia:
A solidão do campo se apartava,
Onde só lamentava, e só gemia;
Porque mais no rigor de seus retiros
A piedade faltasse a seus suspiros.

XXXIX.

Entre flores inquire o doce amado,
Presente em cada flor o considéra,
E dando hum breve encanto a seu cuidado,
Busca nas flores quanto em flor perdêra:
Corre de flor em flor, de prado em prado,
Tópa só magoas, donde gosto espéra;
Que foraõ seu praser: e seus favores,
Perda choradas, quando apenas flores.

XL.

Procûra em cada planta, o que anelava,
Porque no seu tormento engano escolha;
Mas oh! que em seu pesar escrito achava
Liçoens para sentir em cada folha:
Já nas liquidas pérlas, que chorava,
Penhascos, plãtas, prado, e folhas molha,
E na lembrança já de hum bem perdido
Lhe interrõpe hum gemido outro gemido.

XLI.

Qual o menino fica enternecido,
Entre perplexidades pasmadinho,
Quando no verde prado entretenido
Lhe foge o gosto atraz de hum passarinho:

Já soluça, já pasma esmorecido,
Já busca cada flor, cada raminho,
Já melindrosos ays, mimoso alento
Apôs o passarinho leva o vento.

XLII.

Tal Ignez na penosa tyrannia
Entre flores inquire o doce amado;
Mas foy lisonja só da fantasía,
Pois mais se nega hum bem, quando buscado:
Já queixosa das flores se desvia,
Já nas queyxas diverte o seu cuidado,
E nos alentos da alma, com que espira,
Já soluça, já pasma, já suspira.

XLIII.

Na margem de hum fonte se encostava,
Que já clara correo com seus favores,
E se delles travêssa murmurava,
Em lagrimas agora exhála amores:
Ás plantas, aos penhascos se queixava,
Outra vez já seu mal contava ás flores
Onde nos eccos, que respira o monte,
Suspira o valle, porque chora a fonte.

XLIV.

Ay! cadûcas bellezas, lhes dizia;
Ay flores! se queyxava enternecida;
Que sendo vossa vida de hum só dia,
Muitas horas contaís na vossa vida:
Mas oh! de minha dor mór agonia,
Oh morte em menor vida repetida!

Que como em soledades só discorro,
Nem conto instantes, porque sêpre morro.

XLV.

E vós Rosas no mimo de huma Aurora
Lograis de vossa adôrno a pompa bella,
Que talvez por firmar vossa melhóra,
Tivéstes no nascer tão boa estrella:
Mas oh! que no pesar, que chóro agora,
Nestes fogosos ays, que o peito anéla,
Escolhe minha estrella em triste forte
Por pena a vida, por lisonja a morte.

XLVI.

Vós plantas, que sentis mudavel erro,
Cifrando em cada folha hum pensamento,
Se Dezembro lamenta vosso enterro
Abril em flor vos dá dobrado alento:
Mas oh! ã em meu sentir, e em meu desterro
Eternisa hum rigor meu sentimento;
Pois quer amor na sorte, que me ordena,
Se alimente huma pena de outra pena.

XLVII.

E tû bruto penhasco inhabitado,
Tosco sepulcro de huma clara fonte,
Es agora de flores matizado,
Idolo de crystal, gala do monte:
Mas oh tyranna dor! que meu cuidado
Hoje lamenta o mal, que chorou honte,
Vendo, que teu terror com bruto aviso
Honte foy Polifêmo, hoje he Narciso.

XLVIII.

Mas oh queyxas paray, paray cuidados,
Paray, façamos tregoa pensamento,
Que dos males talvez communicados,
Póde nascer desar ao sentimento:
Correy da alma pedaços distillados,
Dizey lagrimas minhas meu tormento;
Minhas não digo bem, que juntamente
Perdi tudo no bem, que chóro ausente.

XLIX.

Irmanay-vos, correy mais cuydadasas,
Seja vosso correr mais repetido,
Não cuideis, que vos choro caudalosas,
Porque deis desaffogo a meu sentido:
Que como nas memorias rigorosas
Vossa causa lamento, que hey perdido,
Se talvez mitigaes hum sentimento,
Não tem valôr nas perdas vosso alento.

L.

Oh! corraõ com valor vossas violencias
Por duplicar incendios a meu rogo,
Que não fora querer sentir ausencias,
Se vos chorára só por desaffogo:
Que posto deis alivio ás inclemencias,
Não podeis dar alivios a meu fogo;
Que como sou das penas avarenta,
Qualquer alivio vosso me atormenta.

LI.

Correy livres, correy, que amor ordena,
Sejais a meu rigor ancia penosa,
Que não comprais alivios a huma pena,
Quando chegais a ser paga forçosa:
Que pois amor por força me condena
Tributar-vos por divida custosa;
Mal podeis mitigar o mal, que tenho,
Quando sois do que devo desempenho.

LII.

Naõ me póde obrigar outro motivo,
Se naõ chorar-vos só por natureza,
Que quer, que seja amor por excessivo
Tributo natural, o que he finesa:
Que como a seu querer sujeita vivo,
Rendida a seu querer captiva, e presa,
Do pranto, que saudosa me convinha,
Se naõ pode isentar a affeyção minha.

LIII.

Em vós sentir agora mais penosas,
De ser mudas razoens faço argumento,
Que quando naõ chegais a ser queyxosas,
Naõ limitaes a dor ao sentimento:
Que foreis só lisonjas enganosas,
Mas naõ crueis verdugos ao tormento,
Quando na voz queixosa, que formára,
Lastimas a meus ays solicitára.

LIV.

Mais duro sentimento, mais nocivo
No ser da alma pedaços vos confesso,

Pois se levais a parte com que vivo,
A parte me deyxais, com que padeço;
Que como neste mal por excessivo
Repartida minha alma reconheço,
Se levais hum a parte não pequena,
A vida póde ser, mas nunca a pena.

LV.

Oh! torna atraz arroyo fugitivo,
Alma da penha, coração do monte,
Torna atraz, que meu pranto successivo
Te fará Rio quando apenas fonte,
Oh! torna atraz veloz, detem-te esquivo,
Detem-te, espera, que meus males conte,
Que vás talvez com prata tão custosa
Calçar as plantas de hum a ingrata Rosa.

LVI.

Se te vás despenhar ambicioso
Por aspirar a credits de Rio,
Léva meu triste pranto lachrimoso,
Oceano será teu senhorio:
Embarga teu correr tão cuidadoso,
Suspende teu caudal, teu desvario,
Que lá terás no mar onde te escondas,
Quantas lagrimas levas, tantas ondas.

LVII.

Mas oh! paray razoens, tornay gemidos,
A dor interpretay, que o peito sente,
Que talvez em meus ays por repetidos
Os eccos ouça de quem choro ausente:

Ay! doce ausente meu, não dos sentidos,
Ay! quem pudéra amor ter-vos presente!
Mas deyxai-me fallar, talvez que possa
Ouvir na minha voz eccos da vossa.

LVIII.

Aqui, meu doce amor, meu bem querido,
Se me duplîca a dôr ao pensamento,
Pois quando em vós, me falta meu sentido,
Não me póde faltar meu sentimento:
Em vós lamenta a dor meu bem perdido,
Em mim renova a dor novo tormento;
Mas creyo, doce amor, que sentir possa
Menos a minha dor, que a falta vossa.

LIX.

Menos dor, menor danno em fim tivéra,
Menos cruel sentira o meu cuidado,
Quando neste rigor, que padecera,
Me podéra esquecer do que hey logrado:
Mas ay! que nesta dor outra me espera,
E hum mal outro me traz apensionado;
Pois chego a padecer em meu sentido
O mal, que passo, o gosto, ã hey perdido.

LX.

Bem conheço, que posso na lembrança
Vossas prendas lograr, meu doce esposo,
Mas o bem, que se perde na esperança,
Fica, quando lembrado, mais penoso:
Mas nesta triste dor, dura esquivança,
Se me duplica amor mais rigoroso;

Pois só quer meu sentido avincular-se,
Para mais padecer, a mais lembrar-se.

LXI.

Assim chorava Ignez, e assim gemia,
Mas oh tragica dor! rara estranhesa!
Que já tópa nas mãos da tyrannia
Armas sempre mortaes contra a bellesa:
Nas mãos de dous tyrannos já se via,
Entre crueis espadas, tosca empresa!
Mas que Rosa no campo Aurora molhas,
A que não falte a vida, e sóbrem folhas?

LXII.

Paray, detende a furia procellosa,
Paray, paray, detende o bruto alento:
Que contra o fresco mimo de huma Rosa,
Ah! que sobeja hum Sol, e basta hũ vento?
Mas ay! discreta Ignez, Garça formosa,
Remonta agora mais teu soffrimento,
Que temo, linda Ignez, teus lindos brios
Accrescentem coraes a tantos fios.

LXIII.

Qual nas tecidas silvas da espessûra,
Labyrintho de espinhas intrincado
Com balídos se queyxa da ventura
O simples cordeyrinho aprisionado:
Já soluça em melindres com ternûra
Das maternas delicias apartado:
O que mimos achou na branda hervinha,
Acha mortal rigor em cada espinha.

LXIV.

Tal lastimada Ignez troca em gemidos,
Quantas vozes no peito articulava,
Em quanto os dous algoses sementidos
As mãos lhe prendẽ, com que amor matava:
Já fugindo os alentos aos sentidos,
O soluçar as vozes lhe embargava:
Mas oh! que amor lhe deo no pensamento
Razoens ao pranto, voz ao sentimento.

LXV.

Ay tyrannos crueis! oh sorte dura!
Entre suspiros, diz agonizada,
Que delicto commette a formosura,
Com que possa a bellesa ser culpada?
Oh! deyxai-me esta vida em pena escura,
Se me quereis a morte dilatada;
Que nesta triste dor taõ repetida
Menos me mata a morte, do que a vida.

LXVI.

Oh! suspendey sentença taõ penosa,
Mitigay por hum pouco a crueldade,
Que não podeis dar morte rigorosa,
Que possa matar mais, que a saudade:
Mas já que minha dôr menos piedosa,
Vos não póde causar nova piedade,
Não me roubeis meus filhos, taõ queridos,
Unica prenda só de meus sentidos.

LXVII.

Ay! charas prendas minhas tão queridas,
Relíquias de amor, da alma pedaços;
Ay! como sentireis em mim perdidas
As mimosas delicias de meus braços:
Mas pois não póde ser entre homicidas
Lograr, amores meus, vossos abraços,
A Deos, ficai-vos já gostos amados,
A Deos alma, a Deos vida, a Deos cuidados.

LXVIII.

Mais quiséra fallar enternecida,
Mas oh! indigna acção de hum peito forte!
Hum tyranno cruel, torpe homicida,
Nos fios de hum punhal lhe teçe a morte:
Inclina o lacteo collo amortecida,
Avassallada já da infausta sorte,
Exhála a vida o corpo de alabastro,
Feneçe amor com Donna Ignez de Castro.

LXIX.

Qual a branca Açucena, que cortada,
Sente do ferro, ou tempo, a crueldade,
Em seu mesmo candôr amortalhada,
Defunta flor em flor na flor da idade:
Á qual ficaõ sómente de engraçada
Os antigos riscunhos da beldade:
Tal fica a bella Ignez amortecida
Sem gala, luz, sem cor, graça, nem vida.

LXX.

Vós agora, troféos da formosura,
Apparencias vitaes de ramallete,

Colhey as vélas, porque a pouca altûra
Qualquer onda vos mólha o galhardete:
Olhay, que a branca Rosa, flor mais pura
Acha, se berços, campas no alegrête:
Attentay léve flor, bellesa vaã,
Que he mais antiga a tarde, que a manhaã.

FIM

da primeyra parte.

Decorative image; imagem decorativa

Decorative border; imagen decorativa

SEGUNDA PARTE

I.

JA da fatal tragédia retiradas
As restantes ruínas da feresa,
Ficarão só no câpo idolatradas
Húas breves reliquias da bellesa:
Ausente Pedro, sem que as mal logradas
Lamentasse memórias da firmêsa:
Taõ dittoso nas magoas se discorre,
Que morre ufâno, sem saber que morre.

II.

Queixosa em fim feneçe a galhardia,
Solicíta queixûmes a ternûra,
Vendo já no desdem da tyrannia
Menos cruel a Parca, que a ventûra:
Que como qualquer dote se avalia
Por symptôma fatal da formosúra,
Aquella mesma ditta, que entre sortes
Cumûla prendas, mutiplîca mortes.

III.

Á ventura se queyxa, que a beldade
Fosse causa da perda, porque unida
Naquellas prendas da melhor idade,

Fez acabar rigôr, o que era vida;
Mas a Parca tyranna por vaidade
Solicita bellas advertida;
Porque dellas talvez se não cuidára,
Morre fora huma prenda, e só matára.

IV.

Só suspiraõ, só choraõ lastimosas
(Que não pára nas queyxas a finesa)
Aquellas, que restaraõ só piedosas
Troyas do amor, reliquias da bellesa:
Aquellas, digo, prendas lachrimosas,
Dous Infantes gentís, a que natureza
Deyxou com vida, porque em seu tribûto
Fosse a morte da flor vida do fructo.

V.

Qual nos braços da planta mais visinha
Em roupas de rubîm, cama olorosa,
Sentindo huma lanceta em cada espinha,
Sangrada no jardim fenece a Rosa:
Consagrando-se flor, quem foy Rainha,
Em vivos holocaustos sanguinosa,
De cujas cinzas restaõ por grinalda
Reliquias de ouro em cófre de esmeralda.

VI.

Que pesáres, que penas, que rigores
Amor formáva, cada qual sentia,
Qual nos gemidos soluçando amores,
Em carinhossas magoas confundia:
Qual desmayado no tapiz das flores,

Se recosta trophéo da tyrannia,
Notando aquelle peito, cujo enfeite
Lhe troca em pena, quanto foy deleite.

VII.

Quantas vezes fallando enternecidos,
Em soluços lhe pára o doce alento!
Quantas na voz do monte repetidos
Os saudosos ays lhe torna o vento:
Quantas a ser naufragio dos sentidos,
Se deriva em chrystaes o sentimento;
Pois quer a dor, querendo amor agora,
Chórem dous Soes a falta de huma Auróra.

VIII.

Alentado o rigor, duplîca em tiros,
Se bem globos de fogo, esphéras de agoa;
Não resiste Clavêl, que nos retiros,
Não morra espûma, e não feneça fragoa:
Multiplica-se o vento nos suspiros,
Fogósos rayos lhe despede a magoa:
Já não sabe nascêr, nem brilhar Rosa,
Que não pame defuncta mariposa.

IX.

Nem tribûtaõ lisonjas aos sentidos
Nestas mudas razoens, que amor ordena,
Que sujeitos amantes desunidos,
Aquelle, que mais chóra, esse mais pena:
E se lagrimas são nos mais sentidos
Almas do coração, bem se condena

Qualquer a mais sentir; pois he patente,
Que quem mais almas tem, muito mais sête.

X.

A solidaõ de Pedro imaginada,
Lhe accende as almas, lhe distilla os peytos,
Que nem morrêra Ignez, se retirada,
Naõ sentira distante os seus effeitos:
Que como seja amor, muito apertada,
Se gentil, uniaõ de dous sujeitos;
Quando matar hum delles amor trata,
Se desunir os dous hum só naõ matta.

XI.

Assi passaõ da mágoa a ser espanto
Os dous ayos do mimo, os dous Cupidos,
Narciso cada qual do proprio pranto,
Phaetontes em fim de seus gemidos:
Se foraõ gala da bellesa, em quanto
Eraõ gentis desvelos dos sentidos,
Lastimas ficaõ já da tenra idade,
Culpas de amor, delictos da beldade.

XII.

Quaes simples avesinhas, que roubadas
Ás lisonjas de Abril, mimos de Flora,
Dos maternaes alentos apartadas,
Suspira cada qual, cada qual chóra:
As que foraõ do campo idolatradas
Oraculos do Sol, linguas da Auróra,
De si mesmas agora occulta fragoa,
Concebem pena, quando abortaõ magoa.

XIII.

Mas já funesta voz, turbado alento
Por linguas de metal enrouquecido
Formava o Semideos monstro violento,
Gigante pela fama conhecido.
Aquelle, cujo aládo atrevimento
Se remonta veloz, e taõ subido;
Porque nelle talvez o mundo veja
Voarem pennas a pesár da inveja.

XIV,

La fez a túba lastimoso effeito
Nos alentos de Pedro, que em suspiros
Os mais dos eccos lhe interpréta o peito
Dobrando mágoas, renovando tiros:
Quando apenas em fim na dôr desfeito
O coração se pasma, que em retiros
Suffocado talvez da intensa calma,
Se isentou de correr por conta da alma.

XV.

No combáte fatal deste desmayo
(Lastimoso parenthesis da vida!)
Tribûta vivas ao mortal ensayo,
A sentinella da alma já vencida:
Naõ morre Pedro, naõ, que aquelle rayo
Foy lançada de amor, que repetida,
Se pertende matár, a quem suspira,
Menos o mata, se lhe a vida tira.

XVI.

Assi vivendo morre, quando amante;
Assi morrendo vive, quando ausente;
Que se morre, pois pena por distante,
Vive tambem, pois ama, porque sente:
Mas em fim não passâra tanto ávante
Nas finesas amor, que fora urgente
Acabar-se na vida, se roubára,
E tão fino não ser, se não matára.

XVII.

Mas quem diria agora o que sentiste
Nesta, Pedro, de amor menos ventura,
Dos carinhos ausente, que já viste
Brotar melindres, produzir brandûra?
Oh! que dirias, Pedro, quando abriste
Aquelles dous conceitos da ternûra!
Os olhos digo; mas amor ordena
Parte das queixas interpréte a pena.

XVIII.

Já no pardo capuz, roupas saudosas
Emmudecida a terra se encobria,
E nos hombros das nuvens tenebrosas
Ataúdes de sombra o tempo erguia,
Consagrando com tochas lachrimosas
Mudas exequias ao defuncto dia,
Dando claros sinaes ao Jovem louro
Em torres de Zaphir os signos de ouro.

XIX.

Quando a favor da vida o sentimento
Novos em Pedro reproduz gemidos,

Sendo sumilher da alma o novo alento,
Que lhe corre as cortinas aos sentidos:
Mas já liquida dôr, claro tormento
Se acredita nos olhos advertidos,
Que quem nas penas solitario mora,
Só lhe resiste vivo, em quanto chora.

XX.

Solicita retiros, em que unidas
Se acredita de finas as saudades,
Que são mais primorosas, se sentidas,
Não permitem motivos a piedades:
Tributaraõ labéos de mal nascidas;
A não passarem móstra de vaidades,
Quando não foraõ mais, que eternisadas,
Solitarias, occultas, retiradas.

XXI.

E já nas solidoens entretenido
Interpréta lisonjas aos cuidados,
Pois vay vendo nas flores advertido
Morraes prendas, alinhos mal logrados:
Mas apenas se lembra enternecido
Daquelles Soes agora imaginados,
Quando já vacilante se discorre,
Aqui pasma, allí geme, acolá morre.

XXII.

Qual Girasol gigante, que atrevido
A beber rayos amoroso aspira,
Se bem, que entre zeloso, e presumido
Desdenha ufano, temoroso gira:

Mas vendo apenas, que o galân querido
Com disfarces de nacar se retira,
Porque se vê das glórias todo ausente,
Languido pasma, cuidadoso sente.

XXIII.

Em fim rompe nas queixas amorosas
Agora Pedro, quando as vê sentidas,
Que não pódem livrar-se de penosas,
Quando sabem fugir a ser ouvidas:
E só discretas são, se rigorosas,
As que menos se presaõ de entendidas;
Que já por isso Pedro se as pertende,
He só porque a si mesmo não se entende.

XXIV.

Ay! gloria minha, diz, gloria sonhada!
Minha te chamo, quando assi perdida,
Que se não tens as veras de lograda,
O desár não padeces de esquecida:
Como gloria maltratas, se lembrada?
Como molestas gloria possuida?
Na pósse logras ancias de fallivel,
Na memoria rigores de impossivel.

XXV.

Como soube deixar-me assi frustrado
Este rigor, que gloria se habilita,
Quando me fez mayor, que o mesmo Fado,
Mayor, que amor, mayor ã a mesma dita?
Quem me disséra então, que este cuidado
Fosse Rosa, que apenas se acredita,

Quando se vê nas mãos da natureza
Trophéo da dôr, sangria da bellesa.

XXVI.

Ay triste solidaõ! ay pena ingrata!
Quanto menos cruel foras agora,
Se permittindo a magoa, que maltrata,
Naõ roubáras a gloria, que te adóra:
Mas esta dôr naõ fora, que assi mata,
Rigorouso pesár, se assi naõ fora;
Pois naõ se méde o mal de quem suspira,
Pelo que tem, senaõ pelo que tira.

XXVII.

Mas inda mais avante acompanhada
Desta dôr outra pena já me alcança;
Pois na magoa da perda lamentada
Os alivios me rouba da esperanza:
Mas como, se naõ fora eternisada,
Maltratára das glorias a mudança?
Que o pesár sem remedio padecido,
Mata porque hade ser, e porque ha sido.

XXVIII.

Nem pódem mitigar esta saudade
Assistencias de amor, porque resiste
Outra nova razaõ da soledade,
Que nas distancias desse amor consiste:
Que como aquelle objecto da vontade
Hoje feito impossivel naõ me assiste,
Sendo vinculo amor entre subjeitos,
Naõ tendo extremos, naõ produz effeitos.

XXIX.

Só deixára de ser eternisada
Esta dor, mas só fora divertida,
Se a memoria da pena imaginada
Não passára a ser pena padecida:
Só razão de praser, quando lembrada,
Essa gloria tivera, que he perdida,
Se sendo assi passada na lembrança
Soubéra ser futûra na esperança.

XXX.

Nem queixumes de lagrimas sentidas
Alivios pódem ser nesta saudade,
Que sendo partes da alma desunidas,
São causas naturaes da soledade:
Porque quando nos olhos advertidas,
Procuraõ fugitivas liberdade,
Aquella mesma vida, que me alenta,
Tambem nellas partida se me ausenta.

XXXI.

Oh quem me déra já ser assistido
Dos penhascos talvez, que o monte cria!
Mas quem não tem razoens para sentido,
Não póde ter nas magoas companhia:
E hum rigor por ausencias padecido,
Com nenhuma presença se alivâ;
Que quem nas ancias, que padece hũ triste,
Juntamente não pena, não lhe assiste.

XXXII.

E menos me permite esta esquiva
Ser de vós assistido, lindas flores,
Pois por gentis emblemas da mudança
Jeroglyphico sois de meus amores:
E se produzis glórias na lembrança,
Mal podeis assistir a meus rigores;
Que não faz assistencia nos retiros,
Quem motiva principios aos suspiros.

XXXIII.

Nem já, feras, talvez vossa brutesa
Resta para topar branda piedade;
Mas como póde ser, se a natureza
As noticias vos néga da saudade?
E no fatal rigor de huma tristesa,
Nos efeitos mortaes da soledade,
Não póde ser a dor compadecida,
Sem que seja na causa conhecida.

XXXIV.

Nem sereis, avesinhas, no saudoso
Companheiras gentis a meus retiros,
Que diversos sujeitos no penoso,
Tem diversas as magoas nos suspiros:
E bem se vê, que o mal todo invejoso
Mais a mim, do que a vós fulmina os tiros;
Pois nûm rigôr fatal hum, damno esquivo,
Mais mata o racional, que o sensitivo.

XXXV.

E menos podeis ser a meus sentidos
Deleitoso carinho na saudade,

Lisonjeiros arroyos, que atrevidos
Solicitaes dos olhos a vaidade:
Mas como? se a meus ays, e a meus gemidos
Multiplicaes melhor a soledáde;
Pois em vós retratado, e descontente,
De mim mesmo me vejo estar ausente.

XXXVI.

Mas ainda assi paray, que se melhora
Nestas lagrimas minhas vosso augmento:
Se professais correntes, como agora
Sabeis livres fugir ao sentimento?
Paray, não murmureis, que nisso fora
Muito mais conhecido vosso alento;
Olhay que se condena, ou se aventûra,
A não fazer remansos quem murmûra.

XXXVII.

E vós paray nas queixas amorosas,
Galantes cortesans da soledade,
Que não fazeis os pontos de queixosas
Quando dais tantas falsas na saudade:
Paray, digo, a meus ays, paray piedosas,
Paray nos quebros, tende a liberdade,
Aprendereis a ser nestes retiros
Hum Féniz cada qual de meus suspiros.

XXXVIII.

Paray gentís emblemas da vaidade,
Flores, digo, paray, paray saudosas,
Não bebais presunçoens, que a pouca idade
Sereis de meus incendios mariposas:

Aprendey dos alinhos da beldade,
De vossa vida, digo, a ser piedosas;
Que sempre foy nas regras da ternûra
Muy capaz de liçoens a formosura.

XXXIX.

Paray féras tambem nesses ruidos,
Guardas do monte, archeiros da ferêsa,
Fazey caso das penas, que os bramîdos
Argumentos parecem da brutêsa:
Isto basta, paray, que os entendidos
Pódem talvez notar vossa estranhesa:
Minhas queixas ouvi, que alivio fora,
Quem não póde fallar, me ouvisse agora.

XL.

Paray broncos penhascos, que o Céu cria
Para pardos Atlantes dos retiros,
Se vos vence huma liquida porfia,
Como já resistis a meus suspiros?
Mas oh! que digo! páre a covardia,
Exhále o peyto, multiplique os tiros,
Duplîque amor, e dobre o sentimento,
Agoa nos olhos, nos suspiros vento.

XLI.

Ferîdo o coração tribûte em fogo
Undósa parte, derretido alento,
Se liquida sangrîa ao desaffogo,
Lisonjeira lancêta ao sentimento:
Se excessivo queixúme, ardente rogo,
Se verte em nuvem, se distille em vento,

Naõ fique planta, que a pesár do espanto,
Naõ morra em fogo, naõ se afogue em prãto.

XLII.

Sejaõ linguas dos olhos mudas agoas,
Intérpretes da dor tristes retiros,
Eloquencias do peito vivas fragoas,
Razoens do coração ternos suspiros,
Rhetóricas da pena ardentes magoas,
Elegancias de amor dobrados tiros:
Emmudeça a razão, que só parece,
Sabe tambem sentir, quando emmudece.

XLIII.

Distille o coração, duplique o vento
Ethnas a seu pesár, agoas ao rogo;
Morra por glorias de seu mesmo alento
Troya nas ondas, e Narciso em fogo:
Incendios solicîte ao sentimento,
Diluvios multiplique ao desafoço,
Sendo de seu rigor o mesmo ensayo,
Nas causas nuvem, nos effeitos rayo.

XLIV.

Naõ cresça lirio, que naõ sinta os tiros,
Clavél naõ gire, que naõ pasme em fragoas;
O que Féniz naõ for entre os suspiros,
Morra já Faetonte sobre as agoas:
Sejaõ vozes as magoas nos reriros,
Que melhor nos retiros se ouvem magoas,
Se se póde na dor, que amor ordena,
Ouvir a magoa sem sentir a pena.

XLV.

Naõ reste planta, que se atreva a tão,
Que naõ murche dos ays enternecidos,
Rosa naõ fique, que, a pesár do espanto,
Se naõ séque ludibrio dos gemidos:
Em fim, duplique a dor, prodûza o pranto
Lastimosos naufragios dos sentidos;
Seja neste pesár, nesta esquivança
Charybdes da alma o Cabo da esperança.

XLVI.

Mas ay! que as plantas no desdê da idade,
Mas ay! que as flores no rigor de hũ vento,
A naõ serem Jasmins na brevidade,
Naõ seriaõ Perpetuas no tormento:
Só tu terrivel ancia da saudade
Eternizas agora o sentimento;
Porque quando matar-me amor ordena,
Me deixas vida, com que o corpo pena.

XLVII.

Quem soubéra cuidar, que a mais crescida
Tyrannia cruel da dor mais forte
Fosse, quando nas perdas de huma vida
Impossiveis sentisse de huma morte:
Mas he rigor da magoa repetida
Por industria fatal da iniqua sorte;
Porque quando talvez matar-me trata,
Por topar-me sem vida, naõ me mata.

XLVIII.

E se fora da vida roubadora
Esta sorte fatal, tormento esquivo,
Tivera só por pena matadora
Qualidades de grande no intensivo:
Mas não, que como amor pertende agora
Cumulár intensoens ao sensitivo,
Não quer, que amor me mate, pois durára
Muito menos a pena, se matára.

II.

Agora alcançarás, prenda querida,
Os rigores de amor na minha sorte,
Pois agora me quer roubar a vida,
Só por ma não tirar primeyro a morte:
Mas ay! que a pena se duplîca unida:
Mas ay! que a magoa se eternisa forte;
Pois que vejo na dor do mal esquivo,
Que não posso morrer, porque não vivo.

L.

Mas agora na pena, que me entrega,
Vejo, que quer a dôr, e a mais aspira,
Que padeça na morte, que o mal nega,
E que pene na vida, que amor tira:
Aqui verás, Ignez, a quanto chega
Esta pena de amor, que amor, conspira;
Pois agora não sey, no que discorro,
Se vivo ausente, nem se ausente morro.

LI.

Mas em fim: que me queixo dos rigores,
Com que talvez amor me tyrannisa,

Quando mais martyrisaõ seus favores,
Onde qualquer lembrança os eternisa:
Pois quando apenas se alentaraõ flores,
Passaraõ quasi flor, que se agonìa;
Por isso a minha queixa mais se ordena
A sentir seu desdem, que a minha pena.

LII.

Oh duro amor! oh fragoa dos gemidos,
Prisaõ da vida, Argel da liberdade,
Martyrio da alma, guerra dos sentidos,
Encanto doce da melhor vontade!
Teus favores só foraõ conhecidos
Por gentis prendas da mais tenra idade,
A não serem primeyro teus favores
Seccas espinhas, que animadas flores.

LIII.

Que cuidados não causas Jovem cego?
Que rigores não dás ao pensamento?
Que delicias não roubas ao socego?
Que lisonjas não finges ao tormento?
A que peitos não dás custoso emprego?
A que vida não tiras doce alento?
De que genios não reinas? de que idades?
De que prendas gentis? de que beldades?

LIV.

Quem me disséra, quando Ignez lograva
Nos carinhos gentis de seus favores,
Quando nelles amor idolatrava,
Para poder talvez morrer de amores!

Quem me dissera, logo, que aspirava
Hum cadúco praser a taes rigores!
Quem me disséra então, que da ventura
Era mortal delicto a formosura!

LV.

Quem disséra, que os laços de alvedrios,
Gentís madeixas, onde a natureza
Repartio liberal por tantos fios
Os melhores extremos da bellesa,
Esses agora, que acabarão brios,
Se arrastão já bandeiras da tristeza?
Mas que muito, se nunca em seus ensayos
Nenhum por Louro se isentou de rayos.

LVI.

Oh bem, que pouco duras possuido!
Só logras algum ser, quando esperado;
Nos molestos receyos de perdido
Tyrannizas o gosto de alcançado;
Oh sonhada lisonja do sentido!
Oh mais terrivel ancia do cuidado!
Flor, que apenas se vê, quando se chora
Enteada do Sol, filha da Aurora.

LVII.

Aquelles olhos donde o Sol furtava
Os melhores thesouros da vaidade,
E em lusidas capellas consagrava
Dous altares Amor a huma beldade:
Aquelles, cuja luz interpretava
Os occultos archivos da vontade,

Estes mesmos erarios da bellesa
Deixa a perder de vista huma feresca.

LVIII.

Oh debil gloria lisonjeiro ensayo!
Babél da vida, lingua do escarmento,
Desfeita sombra do mais breve rayo,
Quebrado vidro da mais tibio vento:
Jasmim, que pasma de qualquer desmayo,
Cravo, que morres de teu mesmo alento!
Oh gloria humana! em fim gloria sonhada,
Vida, Sombra, Jasmim, ou Cravo, ou nada.

LIX.

Aquella bocca, donde a mais lustrosa
Se divisava purpura incendiada,
Em quem se vio nascendo a bella Rosa
Com menos folhas, quando mais partida
Agora só se occulta lastimosa
Em desmayos de neve amortecida;
Mas que prenda não tem que formosura,
Muito menor a vida que a ventura!

LX.

La pretende nascer Cravo lusido,
Mas em casa gentil botão fechado;
Porque aquella manhaã, que o vê nascido,
O chorasse primeyro amortalhado:
Quem, ô purpurea flor, taõ presumido?
Mas quem, Cravo gentil, taõ lastimado?
Que lhe chegue a tecer a natureza
A mortalha primeyro, que a bellesa.

LXI.

Aquelle brando afleyo da ternûra,
Aquelle doce Argél da liberdade,
Aquelle emblema só da formosura,
Aquelle bello encanto da vontade,
Aquelle gentil pasmo da ventura,
Aquelle rico erario da vaidade,
Nos alinhos se vê já confundida,
Troféo da morte, lastima da vida.

LXII.

Que pouca duração, que mal segura,
Tem nas prendas da vida huma bellesa!
Só vive em quanto nasce a formosura,
Espira, em quanto vive a gentilesa:
Em fim, mais morre, quão em fim mais dura,
Mortalidades traz por natureza;
Quanto mais alentada, e mais lusida,
Mais accidentes logra, e menos vida.

LXIII.

Mas se são melindrosa enfermidade
Prendas de amor, e dotes de huma vida,
Que muito, bella Ignez, que essa beldade
Fosse de teus alentos homicida:
Comtigo a morte foy no Abril da idade,
Menos ambiciosa, que atrevida,
Sem reparar, Ignez, que teus rigores
Perdessem fructos por cortarem flores.

LXIV.

Mas viveràs, Ignes, que amor ordena
Nestas memorias, donde a tyrannia
Por não lograr-se mal a minha pena,
Debuxàra melhor tua galhardia:
Aqui veràs, Ignes, se me condena
Amor, que por tyranno se avalia,
A fazer impossiveis, pois discorro
Viver lembrado, quando auzente morro.

LXV.

Morra no ramallete flor cobarde
A que Rosa nasceo mais alentada,
Vomitando rubins pague na tarde
Quantas perolas bebeu na madrugada:
Seja bruto fiscal de tanto alarde
O mesmo dia, que a chorou cortada,
Que nenhuma manhãa, nem tarde temo
As contas tomar possa a tanto extremo.

LXVI.

Aqui passo tal vez a mais quererte,
Onde chego mais fino a mais lembrarme,
Porque foraõ distancias de não verte
Incentivos quiçà para olvidarme:
Mas nem topo motivos de perderte
Nesses teus infalliveis de deixarme,
Que, sendo vida minha, sò pudera
Por perda julgarte, se eu morrera.

LXVII.

Assim se queixa Pedro, quando ausente
Daquellas prendas nunca esquecidas,

Pois amor, que lembradas as consente,
As pintou bellas, quando as vio perdidas;
Quando nas pennas, que dobradas sente,
Quando nas queixas, que repete unidas,
Jà desmayando pasma, porque ordena
A mesma queixa, que se calle a penna.

LXVIII.

Qual o Lyrio gentil nas mãos da tarde,
Quando fragoas se alenta, incendios gyra,
Funesta tumba de seu mesmo alarde,
Bebendo rayos, abrazado espira:
O que roxo matiz a pennas arde,
Parda nuvem murchando se retira,
Em quanto a Aurora tarda, ã de hum rayo
Lhe corre galas para novo ensayo.

LXIX.

Assim Pedro se pasma, e não consente
Os sentidos queyxumes, que derrama,
Que se vive queixoso quem mais sente;
Poem limite nas queixas quẽ mais ama;
Mas aqui lhe concede amor presente
Aquellas prendas, com que mais o inflãma,
Que são talvez motivos do socego
As memorias gentis do doce emprego.

LXX.

Agora, humanas prendas, se entendidas
O desdem desprezais da infausta sorte,
Que não duraõ taõ pouco vossas vidas,
Que não saibaõ passar àlem da morte:

Attentay, se notardes advertidas,
Que naquelle de amor rigor mais forte
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que depois de ser morta foy Rainha.

FIM

Da segunda parte.

Decorative image; imagem decorativa

**PARTE UNICA,
OU
TERCEIRA
DAS
SAUDADES,
E
SENTIMENTOS
DE
D. MARIA
DE LARA.**

No grande sentimento, que teve da prisão se seu esposo, Glosou
em Oitavas o Mote seguinte em que se ve a causa de suas
lagrymas.

***No grande sentimento, que teve da prisão se seu esposo,
Glosou em Oitavas o Mote seguinte em que se ve a causa de
suas lagrymas.***

Choray, sem descansar, olhos cansados.

GLOZA I.

Pois fostes olhos meus por quẽ mereço
Da culpa o perdaõ que busco, e quero,
Instrumento do mal que hoje padeço,
Tambem o podeis ser do bem que espero:
Jà de meus altos pensamentos desço,
A vil estado humilde, duro, e fero,
E já que os males meus por vos são dados
Choray, sem descansar, olhos cansados.

II.

Mortiferos enganos procurastes,
Dos quaes muy graves damnos padeceis,
E pois de ver o mal nunca cansastes
De chorar pelo bem nunca canseis:
E já que os grandes bens que eniquilastes,
Por quem vòs suspirais, por quem gemeis,
Chorando poderaõ ser renovados,
Choray, sem descansar, olhos cansados.

III.

Das agoas que de vós estão manando
Fazey hum rio claro, hum rio manso,
Que eu folgo de vos ver cançar chorando
Pois chorando ganhais vosso descanso;
Nas cousas em que vos hides cansando
Nessas me alegro, e eu nessas descanso,
E pois nos faz o choro descansados,
Choray, sem descansar, olhos cansados.

IV.

Choray não descanceis, pois que ganhais
Chorando quantos bens aqui perdestes;
Póde ser, que nas agoas, que chorais,
Laveis as nodoas grandes, que fizestes:
Choray as grandes magoas, que me dais,
Pelo gosto, que vós sem mim tivestes:
Choray males presentes, e passados,
Choray, sem descansar, olhos cansados.

V.

Tantas agoas de vós sejaõ lançadas,
Que affoguem vossos torpes desvarios:
E posto que estas agoas são salgadas
Por ellas se navéga a doces Rios:
Soffrey, por ver-des culpas affogadas,
Tempestades crueis, calmas, e frios;
Choray, se dezejais ser perdoados,
Choray, sem descansar, olhos cansados.

VI.

Acima desta terra tem subido
As agoas do diluvio tão sómente;

Porém as vossas poucas tem-se erguïdo
Encima deste Céu mais eminente:
E lá movendo estão com seu ruido
A Deos, Senhor Supremo, Onnipotente;
E se d'elle quereis ser muito amados,
Choray, sem descançar, olhos cançados.

VII.

Produzem temporal, terrestre fruto,
As agoas, que os Céos dão no duro inverno;
Porém o vosso choro, sem ser muito,
Produce fruto celeste, e sempiterno:
Nunca de vós o campo esteja enxuto
Chorando o mal antigo, e o mal moderno;
Choray, serão os males desterrados,
Choray, sem descançar, olhos cançados.

VIII.

As agoas, que vós vedes ir correndo,
Que parece que vão de vós fugindo,
Por natureza vão ao mar descendo,
As vossas por virtude a Deos subindo,
Humas chegando ao mar, vão-se perdendo
As outras ante Deos ficam assistindo:
E se quereis de Deos ser estimados,
Choray, sem descançar, olhos cançados.

IX.

As agoas que das fontes vão manando,
Fazem na terra vil vozes terréste;
Porém estas, que vós ides chorando
No Céu Emphyreo são vozes celestes:

Chovey, olhos, chovey, iraõ brotando
Os bens, que cõ a secura aqui perdestes;
Os quaes se desejais ver restaurados,
Choray, sem descançar, olhos cançados.

X.

Com muitas agoas cá vay-se apurando
Qualquer pequeno vaso estando immundo;
Mas vós com bem pouca agoa estais lavando
Immunda culpa, mór que o mesmo mudo:
Por isso não canceis de estar chorando,
De lagrimas fazendo hum mar profundo;
E pois por ellas sois galardoados,
Choray, sem descançar, olhos cançados.

XI.

As agoas cá vão só satisfazendo
A sede aos animaes, que as vão gostando;
Mas estas, que de vós estão nascendo
A vosso Deos a sede estão matando:
Sempre estejam de vós agoas correndo,
Pois por ellas o bem vem navegando;
Do qual se quereis ser certificados,
Choray, sem descançar, olhos cançados.

XII.

Ninguem se afogarà se não lançado
Em agoas que o possaõ estar molhando,
Mas vós sem que molheis vosso peccado,
O afogais nesta agoa que ies chorando:
E pois tendes o mal já desterrado,
E os bens por vossas agoas vão entrando

Atè que os possais ver desembarcados,
Choray, sem descansar, olhos cansados.

XIII.

Choray os annos uteis que gastastes,
Choray o rico tempo que perdestes,
Choray os bens divinos que deixastes,
Choray males crueis que cometestes:
Choray enganos vãos que tanto amastes,
Choray conselhos bons que aborreceste,
Choray olhos no bem já melhorados,
Choray, sem descansar, olhos cansados.

OITAVAS CONSOLATORIAS

Sobre o mesmo pezar.

I.

Ainda que a dor da razão priva,
Quãdo a causa della he muito amada,
Ainda que a paixão prende, e cativa,
Os discursos de huma alma atormentada.
A fé que sobre a mente he bem que viva,
Pois anda sobre os Ceos alevantada,
Dos males que sentis, e dos que vedes,
Vos consola com os bens, que por fé crêdes.

II.

O Deos, centro das almas, guia, e norte,
Por quem cada qual dellas he regidas,
Fez que esta nossa vida fosse morte,
Depois que sua morte fez a vida:
Assim quem vive mais tem peor sorte,
Pois que padece morte mais comprida,
Porq̃ não logra mais quem tem mais annos,
Mas quem mais annos tẽ, sofre mais dãos.

III.

Aquelle puro espirito encastoado;
No delicado corpo que vos vieis,
Sò consentia ser de vòs amado,
Porque o divino amor lhe consentieis;

E pois que Deos aos Ceos o tinha dado,
E vòs só do emprestado possueis,
Porque haveis de chorar de ver que Deos,
Da terra quer levar o que he dos Ceos?

IV.

Tanto o amador melhor padece,
O trabalho por mais duro que seja,
Quanto delle o pezar mais enriquece,
A cousa que mais ama, e mais deseja.
Pois se Deos que nos Ceos, quiz que estivesse,
Naõ quer que a terra indigna mais a veja,
Possa mais o seu bem para alegrar-vos,
Do que pòde esse mal para cançar-vos.

V.

He tenção do amor à razão dada,
Que os bens que busca ainda em seu perigo,
Mais saõ para os dar à cousa amada,
Que naõ para logralos sò comsigo:
Pois se estes a que esta alma foy chamada,
Sem vòs lhos quiz dar Deos, se sois amigo,
Folgay de carecer da parte vossa,
Porque ella a parte, e o todo lograr possa.

VI.

Quem vive no terrestre Purgatorio,
Vive para ir gozar de hum bem eterno,
E em quanto tinheis nella o transitorio;
Em tanto naõ tinha ella o sempiterno,
Pois se he ponto de fé, claro, e notorio,
Que acaba o bem antigo, e o bem moderno,

Se lhe querieis bem, num bem está posta,
No qual todos os bens possue, e gosta.

VII.

Mas vòs a quem a dor custa mais caro,
Direis do damno della atormentado,
Que não chorais da esposa o rico amparo
Mas que chorais a vòs desamparado.
Porèm sabendo Deos que era muy raro,
Poder viver sem amar, e ser amado,
Amar sua beleza vos convida,
E quer que vendo a morte, ameis a vida.

VIII.

Porque este autor de toda a formosura,
Movido da feição, não de rigor,
Vos tira dante os olhos a pintura,
Porque ponhais os olhos no pintor;
O casto amor que tinheis foy figura,
Do real, verdadeiro, e puro amor,
Que se Deos vos tirou cousa tão bella,
Foy por vos dar a si que o he mais que ella.

IX.

As cousas que da terra vão passando,
Que nòs andamos nella pretendendo,
Naõ são para os lograr nellas parando,
Mas para Deos por ellas irmos vendo;
Assim esta que vos hieis amando,
Sabey, que ordenou Deos, segundo entendo,
Que no humano amor vos enssayasseis,
Porque o divino amor representasseis.

OITAVAS

Sobre assistir na Corte, para onde veyo solicitar o haverem a liberdade de seu marido.

I.

He muito natural de quem carece,
Do bem ã desprezou, ou ã despreza,
Louvalo a quem o tem, porque conhece,
Que louvado se ama, estima, e preza:
E como bens mais altos appetitece,
Toma de mór estado, mór empreza,
O bem que desprezou esse festeja,
E o bem que não alcança, esse deseja.

II.

Na corte em que morais louvais a fonte,
O monte, a solidaõ, bosque cerrado,
Da qual muito dizeis do prado, e monte,
Mas muyto mais se vê no monte, e prado;
Por mais que ninguem diga, e mais que cõte
Não fica ditto nada, nem contado,
Porque he o que se diz morta pintura,
E o que se vê real viva figura.

III.

Eu cà no monte moro, e não com elle,
Vòs na corte morais, mas he com ella,
Quem logra o monte logra o doce delle,

Quem sofre a corte sofre o agro della:
Diga a corte do monte o bem que ha nelle,
Diga o monte da corte o mal que ha nella,
Porque he regra direita de amizade,
Que pague huma verdade outra verdade.

IV.

Ahi por dar calor a huma esperança,
Que com dadivas grandes só aqueça,
Se perde o que se tem, e não se alcança,
Se não o que molesta, e que atormenta;
Ahi se peza tudo em tal balança,
Que na mão desigual só se sustenta,
E com tão mão fiel que o mais pezado,
Contra direito tràs mais levantado.

V.

De palavras se faz rica almoeda,
Que deixão pobres sempre os compradores,
Onde comprais cõ tempo, e cõ a moeda,
As esperanças vãs aos vendedores;
Gastais a vida, o pam, o pano, e a seda,
Desejos só vos daõ como penhores,
Que cada qual por grande preço empenha,
A quem, ou gasta o tempo, ou desempenha.

VI.

Ahi onde repousa a esperança,
A sombra da infamia, e da deshonor,
Onde a vosso pezar anda a privança
Tão alta que os pès tras sobre a honra:
Ahi onde se tira o ferro à lança,

Que seu dono levanta, louva, e honra,
Onde os merecimentos se escurecem,
Com fantasticos lumes, que apparecem.

VII.

O fim da pertençaõ he duvidoso,
E o trabalho della sempre he certo,
Mas se o mal vos afasta, que he penoso,
O apparente bem chegarvos perto;
O dezejo do fim traz-vos mimoso,
Molesta-vos porèm o vello incerto,
E se sabe a proveito o falso engano,
Depois de experimentado sabe a damno.

VIII.

Ahi onde se vem com liberdade
Andar todos os doudos desatados,
Aquem, ou a sciencia, ou dignidade,
Por mal de quem os vè tras embuçados,
Detras da vã mentira anda a verdade,
Para poder falar com os mais privados,
Ahi vos he pezado, mas forçoso,
Rogar, fingir, temer, e estar queixoso.

IX.

Rogar a peito duro, e empedernido,
Que só com metais ricos se quebranta,
Em que lançaís algum, mas taõ perdido,
Que nem pode ser situ, nem ser manta,
Rogar por termo humilde, mas fingido,
Que vos abate avòs, outrem levanta,

Rogo que faz Senhor, ao que he ouvinte,
E ao que roga faz pobre pedinte.

X.

Fingir, andando sempre atormentado,
Para o alheyo bem grande alvoroço,
Fingir que desejais de ser creado
De quem pudera ser creado vosso:
Fingir alegre rosto, a rosto irado,
Que vos desejais ver sem seu pescoço,
Fingir palavras vãs tintas com cores,
Que sendo ellas de fel, pareçaõ amores.

XI.

Temer que seja falsa a esperança;
Que tanto tarda, cansa, e tanto custa,
Temer que os bens, que a fama vos alcansa,
Vos negue a Corte ingrata, dura injusta,
Temer que este temor que tanto cança,
Seja da esperança a paga justa,
Que sejaõ os cortesaõs prometimentos
Sem nenhuma largura comprimentos.

XII.

Estar queixoso de ver quanto alcançaraõ,
Os que parios em paz nunca correraõ,
Queixoso de ver bens que transbordaraõ,
Fóra dos que estes bens não mereceraõ,
Queixoso de ver que inda não pagaraõ,
Serviços que fiados se fizeraõ
Queixoso porque o mão sem seu trabalho,
Faz bigorna do bom, faz de si malho.

XIII.

A terra em que repouso, em que descanso,
Na qual livres cuidados apascento
Cento me dà por hum, que nella lanço,
A corte davos hum, lançaís-lhe cento,
Compra-se cà com gosto o que he descanso;
Comprais lá cõ desgosto o que he tormento,
O bem que tem o monte nunca o nega,
O mal que tem a corte, sempre chega.

XIV.

Depois que o mundo vão experimētastes,
Depois de ser por sorte despachado,
Me diz que vos deraõ, e o que gastastes,
E achais que o que trazeis que foy comprado,
Sabeis quã caro em fim tudo comprastes
Na corte, que vos tem desenganado,
Na qual quando as merces são muito largas,
Despachaõ só com cargos, que são cargas.

OITAVAS

*Que fes de despedida quando de Villa-Viçosa veyo para hum
Mosteyro de Lisboa, nas quaes descreveo o triste estado, e o que
poderia vir, segundo as pennas, que à acompanhava.*

I.

Ficay esteriles campos, calvos montes,
Incultas serras, tristes arvoredos,
Ribeiras seccas, peçonhentas fontes,
Medonhos valles, asperos rochedos;
Ficai mal assombrados orizontes,
Parados rios, desiguaes penedos,
Que já me não vereis como me vistes,
Inda que o ser mudeis de serdes tristes.

II.

Meus sentidos trouxestes já fechados,
Que agora sem vos ver já trago abertos,
De ouro, e de azul vestistes meus cuidados,
Mas agora os vereis de d'ò cubertos;
Se os vistes andar sempre acompanhados,
Metidos os vereis pelos desertos,
Porque não vendo, vejaõ o que não viaõ
E sentindo, não sintão o que sentiaõ.

III.

Sempre senti pezar, nunca alegria,
Nunca em v'os descançei, sempre cançava,

O bem que achava em vòs, de mim fugia,
Mas se me achava o mal, em mim parava:
A treição me dava, e me feria
Se delle por diante me escuzava,
Notai deste meu mal este segredo,
Que sendo matador, he falso, e tredo.

IV.

Em vós todos os bens vi contrafeitos,
Cujas internas formas eraõ dores,
Em vós topey pastores lobos feitos,
Porém ainda em trajos de pastores;
A estes procureis, e vãos respeitos,
Dos bens alheyos vi destruidores,
Gostando só do mal que entaõ causavaõ,
E roubando os taes bens, que não gostavaõ.

V.

Mais feroces, que lobos, pois que querem
Sustentar-se dos males, que causarem:
Que os lobos mataõ gado por comerem,
Mas estes só matavaõ por matarem;
Sómente se recream em offenderem,
Os que mais suas leys contrariarem,
Porque a contradicção faz inimigos
Daquelles, que antes della foraõ amigos.

VI.

Nenhum seu proprio estado já respeita
E trazem nas aldeas em que moraõ
Rebuços de virtude contrafeita,
E rostos naturaes do mal que adoraõ:

Condẽnam a ley do Ceo por muito estreita,
E em todas por seu mal sempre peòram,
Taõ amigos do bem, que vivo o enterram,
E taõ destros no mal, que nunca o erraõ.

VII.

De Astioge se diz que aborrecia
A Cyro moço tenro, e delicado,
A quem morte cruel traçava, e ordia;
Porque era pretensor do seu Reynado;
Porém o odio destes não se cria,
Por enveja, ou temor demasiado,
Sò com odio do bem, o bem perseguem,
Por seguirem o mal, que todos seguem.

VIII.

Mas eu que escrevo, canto, falo, ou digo,
Quem me importuna, turba, e desordena,
Se a cegueira que tem he seu castigo,
E sua mà vontade he sua pena;
Quem tem o mundo, que não tenha amigo,
Se Deos assim o traça, assim ordena
Que tudo quanto ha, tenha adversario,
E seja o homem de si cruel contrario.

IX.

Saõ estes desliaes adoradores
Da propria vontade cega, e dura,
Que fazem de seus vicios seus senhores,
E só para seu mal mostraõ brandura,
Das sempiternas leys contraditores,
Trazendo destas leys a vestidura,

Amadores do mal, e da mentira,
Filhos da perdição, e vasos de ira.

X.

Vestem a perversaõ com sua nobreza,
Querem fazer da noite claro dia,
Sua maldade cobrem, com a riqueza,
Rebução com poder a tyrannia:
Disfarção sua furia em fortaleza,
A vontade cruel julgaõ por pia,
Sò tem o mal por bem, que o não aborrecẽ,
E o bem temno por mal, que o não conheçẽ.

XI.

Por peccados que Lucio, e Casso acharaõ
A seus filhos mataraõ por peccarem,
Mas estes mais crueis que os que passaraõ
Querem-lhos inventar para os matarem;
Os bens dignos de premio nunca olharaõ,
Sò vem os males para os castigarem,
E o que he furia cruel digna de espanto,
Chamaõ-lhe sò rigor, e zelo Santo.

XII.

Falo com reprovados, que abterno
Foraõ por culpa sua condemnados,
Ao fogo abrazador do escuro inferno,
Sepulchro dos que já são reprovados;
Juizo foy divino, e sempiterno,
Que os juizos humanos traz cançados,
Que vivaõ de mistura os escolhidos,
Com os que se haõ de perder, e já perdidos.

XIII.

Mas ay que póde ser ã os que reprehendo
Subaõ do mal ao bem que não conhecem,
E póde vir a ser que os que defendo
Deçaõ do bem ao mal, que hoje aborrecem,
Que quaes são os de Deos, eu não no entêdo
Senaõ segundo as obras que aparecem:
Porèm a graça de huns não he segura,
E nem a culpa de outros sempre dura.

XIV.

O Principe das trevas não pretende
Com todos seus vassalos presequirnos?
Não nos deseja mal, não nos offende?
E não estuda sempre em destruirnos?
Não temos nõs a Deos que nos defende,
Se elle quer offendernos, e oprimirnos?
Se nõs sem paixam nossa o desprezamos,
Porque com seus ministros nos cançamos?

XV.

Que ter amigos taes he sorte boa,
Pois são occasiões para a vitoria,
Artifices sutis da altiva coroa,
Que Deos costuma dar na eterna gloria;
Não quero que me cause, ou que me doa,
Trazelos como trago na memoria,
Porque, ou sejaõ cilicio, ou disciplina,
São meynos de mayor graça divina.

XVI.

Quem nunca aborreceo o ferro agudo
Com que o barbeyro destro dà a sangria,
Se para o mal que vem serve de escudo,
Lançando à força o mal que havia:
Quem trata mal o instrumento tudo,
Que dente lhe arrancou, que lhe dohia?
Amem-se pois amigos que dão pena,
Pois Deos meynos os faz do bem que ordena.

XVII.

Chorêse os danos seus que não conhecem,
Pois que primeiro a si se offendem, e mataõ,
Com os males com que os justos enriquecẽ,
Que exercitaõ no bem quando maltrataõ,
A si oprimem, damnaõ, a si empobrecem,
A si destroem, cansaõ, e disbarataõ,
A quem dos bens alheyos qualquer copia,
Serve de afronta, penna, e magoa propria.

XVIII.

O profeta David Deos defendia,
Do Rey perverso injusto que o buscava,
Saul por huma parte o perseguia,
E Deos por outra parte o sublimava,
Levanta-o Deos por Rey, porque o sofria,
Destroe Deos o Rey que o invejava,
Quem sofre reyna, quem perdoa alcança,
He o odio do mào a espada, e a lança.

XIX.

Assim que està por ley já definido,
A qual se tem no mundo publicado,

Que em bẽ redunda o mal quãdo he sofrido,
E empena fica o bem quando he passado;
Hum passando deixou triste o sentido,
Outro durando o traz desenganado;
Porque hey de gastar bem que tanto damna,
E temer mal que tanto desengana.

XX.

Assim Deos o permite, assim o ordena,
Que nesta vida triste, e transitoria,
Com gloria vã se ganhe eterna pena,
Com pena temporal eterna gloria:
O gosto sempre a alma dezordena,
A penna faz a vida meritoria,
Quando se gosta o bem entã escurece,
Quando o trabalho cansa, entã enriquece.

SONETO.

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceo quando vos tinha
Que vos visse mudadas taõ azinha,
Em taõ compridos annos de tormento.

As minhas torres que fundei no vento,
O vento mas levou que mas sustinha,
Do mal que me ficou a culpa he minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamêto.

Amor com falsas mostras aparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura,
Mas logo no melhor desaparece,

Ó grande mal, estranha desventura,
Por hum breve prazer que desfalece,
Aventurar hum bem que sempre dura.

OITAVAS

Que fes a mudança do Mundo no espelho de seu esposo, sobre que ponderou a variedade delle segundo o discurso, com que glosou o Soneto 186. das Rimas do Principe dos Poetas o Grande Luis de Camões, que fica na pagina antecedente.

GLOZA I.

Agora ã meu mal trouxe a meu dño
Mil annos se detẽ hũ duro inverno,
Que quẽ em hum sò momẽto acha hũ anno,
Hum anno lhe parece tempo eterno;
Assim por castigar meu cego engano,
Por quem jà me naõ rejo nem governo,
As horas mudaõ em annos de tormento,
Horas breves de meu contentamento.

II.

O gosto por algum tempo me destes,
Porque vindo o desgosto mais durasse,
Que se no falso bem me detivestes,
Foy por manchar o mal quando chegasse,
Logo me pareceo quando vistes,
Que nunca longos annos vos lograsse,
Mas que fosseis agora a penna minha,
Nunca me pareceo quando vos tinha.

III.

E com me parecer que vos detinheis,
O vosso vaõ soheyto me mostrava,
Ser taõ certa a mudança do que tinheis
Como a posse do bem que entaõ lograva:
Cuidey, ó horas breves, quando vinheis,
Que o tempo por algum tempo vos dava,
Mas nunca presumio esta alma minha,
Que vos visse mudadas taõ azinha.

IV.

Bem podes em breve tempo conhecer,
Que por discurso as cousas vay sabendo,
Que a brevidade occulta do prazer,
Da vaidade delle está nascendo;
Mas como a payxaõ tira o saber,
Naõ pude nesse tempo ir entendendo,
Que vos mudasse o vil contentamento,
Em taõ compridos annos de tormento.

V.

Naõ julga o vaõ juizo apaixonado,
Com segunda razaõ, alta, e profunda,
Que quando o fundamento vay errado,
Errado hade ficar quanto se funda;
Assim para ficar mais magoado,
E porque o erro meu mais se confunda,
Em vento resolveo meu fundamento,
As minhas torres, que fundei no vento.

VI.

Naõ pode ser constante a esperança,
Fundada sobre hum falso pensamento,

Porque a constante, e firme segurança
Procede de ser firme o fundamento:
Por isso vi tão cedo esta mudança,
Porque as torres que fiz fundei no vento,
E como eu no vento as torres tinha,
O vento mas levou, que mas sostinha.

VII.

Culpa de meu perverso, e vão sentido,
Que vendo só mal huma sombra boa,
Mas estimou o mal pelo vestido,
Do que estimou o bem pela pessoa:
Mas posto que me veja hoje perdido,
Em penna que a razão tanto magóia,
Como buscar o bem sò a mim convinha,
Do mal que ficou a culpa he minha.

VIII.

Por culpa só morre, e padece,
Quem quer que as armas deu a seu amigo,
Bem mostra que seu mal não aborrece,
Quem deste mesmo mal ama o perigo;
Pois logo se a razão isto conhece,
Justo tormento foy, justo castigo,
Que tudo me levaste o leve vento,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

IX.

Sente o cego amador em seus amores,
A paga do serviço ser o engano,
Converterem-se os bens em puras dores,
Ser o proveito pouco, muito o damno;

Mentirosas lisonjas os louvores,
O fim de seu trabalho hum desengano,
Porém nestas verdades que conhece,
Amor com falsas mostras aparece.

X.

Tudo o que vê cruel, mostra amoroso,
Tudo o que he puro, mal finge bem puro,
Tudo o que certo he, faz duvidoso,
E tudo o que se vay, dà por seguro;
Tudo que doce he, diz que he penoso,
Tudo o que he manifesto, mostra escuro,
Tudo confunde amor, tudo mistura,
Tudo possivel faz, tudo assegura.

XI.

Mostra que pode dar contentamentos,
Aquelle que de taes mostras se fia,
E mostra que he remedio de tormentos,
Instrumento do bem, e da alegria;
Mostra que faz seguros fundamentos,
E que leva segura, e recta via,
Mostra que a vida toda permanece,
Mas logo no melhor desaparece.

XII.

Mas ó razão perversa, e infernal,
Pois tens a eleição tão cega, e injusta,
Que queres dar hum bem que tanto val,
Por hum perverso mal, que tanto custa:
Que por iguaes teu bem, queiras teu mal,
E que aborreças tanto a vida justa?

Que ames mais que a vida a morte dura,
Ó grande mal, estranha desventura.

XIII.

Nesta alegria falsa, a qual eu douro,
Com minha razão torpe, e com meu erro,
Onde as promessas são de fino ouro,
E as dadivas são de duro ferro;
Trocava o rico preço, e o thesouro,
Que me levava à patria do desterro,
Trocava o eterno bem que permanece,
Por hum breve prazer que desfalece.

XIV.

Sò o torpe juizo, e insensato,
A quem verdades tais são odiosas,
Das cousas preza mais o aparato,
Do que preza, e ama as mesmas cousas;
Sò este a quem por falso já não trato,
Pode por falsas mostras, mas fermosas,
Por huma breve, e vãa desventura,
Aventura hum bem que sempre dura.

OITAVAS

Que fez dirigidas a sua magoa, na consideração do discurso antecedente; e juntamente mostrando o quanto perturbado tinha com pennas o seu coração sobre que glosou o Mote seguinte.

Naõ cabe a mesma paz, na mesma guerra.

GLOZA I.

Naõ pode ser a chama quente, e fria,
Na tempestade estar o ar sereno,
Na noyte escura verse o claro dia,
O fogo abrazador sentir-se ameno,
Acharse na tristeza à alegria,
E poder ser mezinha, o que he veneno,
Naõ se pòde ajuntar o ceo com a terra,
Naõ cabe a mesma paz, na mesma guerra.

II.

Naõ se acha pelo mar caminho aberto,
A Lua naõ se vê nunca constante,
Nem pode o que he desordem ser concerto,
O preto, o branco ser, hum mesmo instante;
Na incerteza acharse o tempo certo,
Nem ser hum mesmo sabio, e ignorante,
Ninguem na patria fica, e se desterra,
Naõ cabe a mesma paz, na mesma guerra.

III.

Naõ pode ser piadoso, o que he tyranno,
Ninguem em seu tormento, tem sua gloria
Em seu proveito pode achar seu damno,
E sua destruiçaõ sua victoria,
Naõ mora o desengano, no engano,
Naõ he a vida eterna transitoria,
Naõ sobe o valle nunca, mais que a serra,
Naõ cabe a mesma paz, na mesma guerra.

IV.

Naõ pòde ser prudente o vicioso,
Sollicito, sagaz, o descuidado,
Nem manso pode ser o furioso,
Nem pode estar contente o magoado,
Naõ he o temerario temeroso,
Nem he ditoso o mal afortunado,
Ninguẽ em hũ mesmo tempo acerta, e erra,
Naõ cabe a mesma paz, na mesma guerra.

V.

Naõ pode o que he doença ser saude,
O que he prodigo ser tambem avaro,
Naõ pode ser peccado o que he virtude,
O que custa barato, custar caro;
O engenhoso ser grosseiro, e rude,
Aquillo que he commum puder ser raro,
Naõ resplandece o ouro se se enterra,
Naõ cabe a mesma paz, na mesma guerra.

VI.

Naõ he resplandecente o abysmo escuro,
Naõ pode ser traiçaõ, o que he lealdade,

O puro bem, não se acha no mal puro,
A mentira não pode ser verdade;
O fundamento vão não he seguro,
Nem pode ser segura a falsidade,
E assim como não cabe o Ceo na terra,
Naõ cabe a mesma paz, na mesma guerra.

OITAVAS

*Que ultimamente fez com grande espirito, quando se vio
dezenganada do mundo, e conheceo a sua variedade sobre que
glosou o Mote seguinte.*

Salid sin duelo lagrimas corriendo.

GLOZA I.

Ay Dios, ay alma mia, ay dura suerte,
Ay triste como estoy tan affligida,
Pues que pude peccando dar la muerte,
A quien no puedo dar llorando vida;
Fue ser mi culpa tal, tanta dura, y fuerte,
Que solo de Dios, es bien entendida,
Y pues es tal mi mal que no lo entiendo,
Salid sin duelo lagrimas corriendo.

II.

Quien me diera, mi Dios, pues te offendi,
Pues con tanto plazer te he offendido,
Que fuera igual a el mal que cometi
El pezar de tenerlo cometido:
Quien pudiera, Senhor, vengarte en mi,
Por todo quanto bien he destruido,
Mas si llorando el mal en parte imiendo,
Salid sin duelo lagrimas corriendo.

III.

Sin ti quizo el mal mi coraçon,
Pero contigo del es levantado,
Pues que para poder darme el perdon,
Me dás arrepentirme del peccado;
Abage-se al profundo la razon,
Pues a Dios de lo alto ha derribado,
Venid suspiros ya, venid saliendo,
Salid sin duelo lagrimas corriendo.

IV.

Menos dolor tuviera en la memoria
Del mal, que a tantos males me condena
Si me quitara a mi tan dulce gloria,
Y no te diera a ti tan dura pena,
Mas pues mi culpa yá es tan notoria,
Sea notorio el llanto, que ella ordena,
Y por mostrar que mal me està doliendo,
Salid sin duelo lagrimas corriendo.

V.

Holgara ò Dias remedio del engaño,
Que en camino te puzo tañ estrecho
Que ansi como del mal fue tuyo el daño,
Pudiera ser del bien tuyo el provecho,
Pero teniendo de esto el desengaño
Mirando en tu persona abierto el pecho,
Con voz llorosa, y triste ando diziendo,
Salid sin duelo lagrimas corriendo.

VI.

Vi la causa del mal quize agradarla,
Ya veo la del bien quiero sentirla,

Miré la falcedad, quize abraçarla,
Yà miro la verdad quiero seguirla;
Si para tanto mal fue desecharla,
Por mucho mayor bien era admitirla,
Y en quanto su ausencia estoy sintiendo,
Salid sin duelo lagrimas corriendo.

FIM

da Terceira, e ultima parte.

Decorative image; imagen decorativa

VIRTUDES, E VICIOS,

*Feitas pela mesma Autora à instancia de huma Religiosa devota, as
quaes virtudes augmentaõ as Religoens para melhor servir a Deos
Nosso Senhor sendo-lhe contrarios os vicios que as destroe.*

Humildade.

Sempre nos baixos me encerra
A luz que a Deos me prendeo,
Mas quanto deço na terra
Tanto me sobem no Ceo.

Liberalidade.

Cubro o bom, cubro o iniquo
Tudo comigo se cobre,
Comigo he rico, o que he pobre
Sem mim he pobre, o que he rico.

Castidade.

Quem contra mim nunca erra
Quem comigo a si venceo,
Fica estrangeiro na terra,
Faz-se natural do Ceo.

Paciencia.

Quem por meu respeito cansa
Sofrendo o mal que parece,

Tudo vence, e tudo alcança,
Tudo tem, tudo merece.

Temperança.

Sou temperada virtude
Que todo o corpo governa,
Dou-lhe temporal saude
A alma saude eterna.

Charidade.

Sou amada, e amadora
Do mais perverso louvada,
Das creaturas, criada,
Mas das virtudes senhora.

Diligencia.

Quem nesta vida me tem
Logra o bem acrescentado,
Que a diligencia no bem,
Faz que o bem seja dobrado.

Prudencia.

Sou prudente em toda a hora,
Cousa com que sou contente;
Porque em quanto sou prudente
Não posso ser peccadora.

Silencio.

Dêtro em mim mesmo me encerro
Tudo ouço, e tudo callo;
Porque tanto menos erro,
Quanto menos vezes falo.

Fè.

Sou fè que da alma desterra
O mal, que a escureço,
Estando presa na terra
Subo mil vezes ao Ceo.

Esperança.

Espero hum bem immortal
Donde os bens todos me vem;
Porque a esperança do bem,
A doça a penna do mal.

Penitencia.

Sou a virtude que tem
Contra o mal grande potencia,
Sou a feliz penitencia,
Que converte o mal em bem.

Oração.

Posto que grosseira, e rude,
Sempre oro em meu coração;
Porque só nesta Oração,
Se a prende toda a virtude.

Perseverança.

Persevero sem mudança,
Insisto sem me mover,
Pois tudo pode vencer
A longa perseverança.

Mansidão.

Mansa sou, e assim alcanço,
Quanto prometem os Ceos,
Que o que na vida he mais manso,
He mais semelhante a Deos.

Fortaleza.

Resistir he meu officio,
Tudo venço com firmeza,
Porque a firme fortaleza,
Vence, e mata todo o vicio.

Verdade.

Sempre acho quem me louve
Por ser natural dos Ceos,
A Deos ouve, quem me ouve,
Quem me busca, busca a Deos.

Misericordia.

Sou das virtudes concordia,
Estou na terra, estou nos Ceos:
Sou huma cousa como Deos,
Pois que sou misericordia.

Abstinencia.

Tenho o rosto feo, e fero
Mas sou de summa excellencia,
Sou o custo da abstinencia,
Que os appetites tempero.

Desprezo do mundo.

O mundo, ou o immundo
Deixo, como reyno alheyo,
Pois com desprezo do mundo
Todo o mundo senhoreo.

Constancia.

Sou forte firme, e prestante,
Tenho a Deos, e Deos me tem,
Quem no bem he taõ constante,
Bem he que tenha tal bem.

Justiça.

A Deos tenho por farol
Nunca me cega a cubiça,
Senaõ sou Sol de Justiça,
Sou justiça mais que o sol.

Pobreza.

Ninguem por mim se governa,
Antes sou mui perseguida,
Sendo miseria da vida,
Posso dar a vida eterna.

Mortificação.

Sou das virtudes hum cofre
Porque a todas faço a cama,
Se persigo a quem me sofre,
Guarlado-o a quem me ama.

Paz da alma.

Quem me logra cà na terra,
Quem me tem do Ceo me traz,
Na terra me sinto em paz,
Por mayor que seja a guerra.

Modestia.

Sou composta e sou honesta
Exemplar aos que me vem,
Com exemplo de modestia,
Provoco todos ao bem.

Gratidaõ.

Folgo de ser gratidaõ,
Porque meus bens conhecendo,
Agradeço o que me daõ,
E mereço o que pertendo.

Simplicidade.

Quem me logra, e quem me tem
He quasi celestial,
Nunca cahe em nenhum mal,
Porque sempre cuida bem.

Pureza da alma.

Todo bem sigo, e procuro
Todo mal me he odioso,
Tudo quero virtuoso,
Tudo alimpo, tudo apuro.

Zelo do bem.

Naõ me traz no coração,
O máo, o perverso, e rude,
Pareço as vezes paixaõ,
Porèm sempre sou virtude.

Desprezo proprio.

Pois no mal não faço pausa,
Tudo faço em meu despeito,
Desprezo o mal como effeito,
E anim como propria causa.

Renunciação.

Deime com favor dos Ceos,
A Deos meu ultimo fim,
Porque dandome eu a Deos,
Se me desse Deos a mim.

Innocencia.

Sò de mim se entende, e cre
Que sem mal posso ter bem,
Quem me tem nunca me vé,
Quem me vê ja me não tem.

Correição fraterna.

Dos vícios sou adversaria,
Todo o mundo me ha mister,
Sendo a todos necessaria,
Ninguem me pode sofrer.

Recolhimento.

Recolhimento procuro,
Do corpo, alma, e sentido,
Pois quanto mais recolhido,
Tanto do mal mais seguro.

Continencia.

Sempre ando em companhia
Da singular castidade,
Em minha dificuldade,
Consiste minha valia.

Discripção.

Eu tiro de todo enleio
A qualquer juizo rude,
Sou a que descobre o meyo
Em que consiste a virtude.

Amor Divino.

Na terra sou peregrino,
Porém no Ceo sou Senhor,
Sendo Deos divino amor,
Faz-me Deos amor divino.

Amor do proximo.

Depois que subo às alturas,
Por amar a meu senhor,
Como subo ao creador,
Devo amar as creaturas.

Devoção.

Faço doce o que he penoso,
Faço leve o que he muy grave,
Tudo o que he difficultoso,
Faço facil, e suave.

Fervor.

A muitos pareço louco,
Que não conhecem meu fruto
Ainda que eu faça muito,
Tudo me parece pouco.

Graça.

Tudo comigo se cobre,
Das paixões tenho a victoria,
Sem mim nenhuma boa obra,
Pode merecer a gloria.

Bem exemplo.

Edifico os que me vem,
Honrarey a quem me der,
Sò com as mostras do bem,
Muytos bens faço fazer.

Conformidade.

Sou conforme o meu querer,
A Deos de quem tudo espero,
Porque tudo quanto quero,
Seja tudo o que elle quer.

Pura tenção.

Subiraõ à mayor alteza,
Os Santos por minha via,
Conforme a minha pureza,
Tem as virtudes valia.

Temor de Deos.

Por não fazer hum aggravo,
A Deos chego a todo extremo,
Posto que sou escravo,
Sò como seu filho o temo.

Negação propria.

Como em tudo a Deos me entrego
Como me devo entregar,
Em tudo o que he meu me nego
Por não vir a arrenegar.

Obediencia.

Faço prudentes os rudes,
Que sé regem sò por mim,
Sou principio, e sou fim,
De todas as mais virtudes.

Vergonha.

Tanto duro virtuosa,
Devota, sesuda, e prompta,
Quanto duro vergonhosa,
A quem comigo se encontra.

Brandura.

De ninguem desprezadora,
De todos muito prezada,
De alguns não sou amadora,
Mas sou de todos amada.

Cortezia.

Quem me tem fama terá,
Que he o meu mais proprio fruto,
Sem dar nada quem me dà,
Fica recebendo muito.

Compaixão.

Conversando entre a gente,
Com vontade pouco esquiva,
Mereço por compassiva,
A gloria do paciente.

Lealdade.

O mundo bem me dezeja,
Mas não toma por guia,
A que sou na frontaria,
Sou nas costas da Igreja.

Consciencia.

Aviso do mal, e bem,
A quem, ou bem, ou mal quer,
Quem quer que me não tiver,
Nenhuma virtude tem.

VICIOS. Soberba.

Trago o rosto sesudo,
Ando melanconizada,
Cuido de mim que sou tudo,
E eu sou menos, que nada.

Avareza.

Nada dou, tudo retenho,
Atè a mim me nego o bem,
Peço quanto os outros tem,
Não dou nada do que tenho.

Ira.

Para tudo sou mofina,
Ando amarella, e rayvosa,
O mimo brando me indigna,
Como palavra afrontosa.

Inveja.

He minha condição tal,
Que me não sofre ninguém,
Porque atè o alheyo bem,
Me serve de proprio mal.

Preguiça.

Nunca me quero mover,
Porque em nada me resolva
Mas que o mundo se resolva,
Não me posso resolver.

Discordia.

Atè a mim me contradigo,
Nem me regem, nem eu rejo,
Ninguém peleja comigo,
E eu com todos pelejo.

Liviandade.

Do canto muy pouco alcanço
Mas em todo o tempo canto,
Sem som bailo, trinco, e danço
Mas, que a casa esteja em pranto.

Presumpção.

Seco afrol nunca dou fruto,
Por ser meu sentido louco,
Se de mim presumo muito,
He porque sey muito pouco.

Vaidade.

Pretendo as honras mayores
Por maranhas, e invenções.
Sempre desejo louvores,
E eu mereço reprehensões.

Ignorancia.

A pena tenho por gloria
Porque me falta o juizo
O que he parvoice notoria
Julgo eu por raro aviso.

Chocarrice.

Por nada me movo a riso
Sò zõbando mostro engenho,
Naõ falo nunca de siso,
Porque nenhum siso tenho.

Amor proprio.

Com caridade me escuzo,
Porque assi me naõ conheçaõ
Só para mim quero tudo,
Os outros mas que pereçaõ.

Desconfiança.

Sem ninguem me affligir,
Eu mesmo me afflijo a mim
Todos quantos vejo rir,
Cuido que se rim de mim.

Prodigalidade.

Quem os meus bẽs me levou
Naõ mos sabe agradecer,
Naõ ha misterio que eu dou,
E eu dou o que hey mister.

Curiosidade.

O que fãlão, e sonhão
As outras, quero entender
tè que venho a fazer
Mil cousas que me envergonhaõ.

Melindre.

Acho grossas as finezas,
Sou dalfelua, e algodão
Os mimos são asperezas,
Epara minha condição.

Mentira.

Por ruas, e por travessas,
Cantar historias pretendo,
Quando falo, falo às avessas,
Do que sey, e do que entendo.

Pouco segredo.

Qualquer cousinha me encalma
Que a outrem, ou a mim toca
Tudo o que me metem na alma
Lanço logo pela boca.

Concordia.

Naõ pretendo prefeição,
Por ser covarde, e ser rude,
Com medo do que diraõ,
Deixo de ter mayor virtude.

Vingança.

Por mais que as outras me afagem
E por branduras me levem,
Nenhuma cousa me devem,
Que dobrado me não paguem.

Malícia.

Só de mim todo o mal vem
Ou mortal, ou venial,
Sou inventora do mal,
Destruidora do bem.

Incredulidade.

De meu mal endurecida,
Só por mesma me eu reço,
O mal creyo só de ouvida,
E o bem nem quando o vejo.

Odio.

Nunca procuro meu bem,
Porque meu mal não conheço,
Sou penna de quem me tem,
Sem ser mal de quem aborreço.

Hypocresia.

Sou dobrada, triste, e rude,
Enganar he meu officio;
Pela casca sou virtude,
Mas pelo miolo vicio.

Murmuração.

De minha irmãa por mil meynos
Encubro os bens que são seus,
Publico os males alheios,
Não sey esconder os meus.

Traição.

Com fingido, e ledo rosto
Offereço meu serviço,
A muitos rio no rosto,
A quem mordo no toutiço.

Desenvoltura.

Males que faço, e não callo
Em mim moraõ, e não mim jazẽ,
Mil palavras verdes falo
Que os rostros vermelhos fazem.

Pertinacia.

Nenhum conselho me val
Não me convence ninguém,
Sou como rocha no mal,
E como cana no bem.

Inconstancia.

O bem em mim nunca para
Muy pequeno mal me espanta,
Soa huma hora Santa Clara,
Noutra, nem Clara, nem Santa?

Occiosidade.

Vivo em continuo descuido
Num, e noutro me embaraço,
Se não faço o mal que cuido,
Cuido no mal que não faço.

Lisongeria.

Nenhuma coisa reprovo,
Ou seja mal dita, ou feita,
Tudo louvo, tudo approvo
Por ser a todos aceita.

Interesse.

Costumo de usar cruezas
Com vizinho, e com estranho
Cayo em cem mil baixezas
Sò por tirar qualquer ganho.

Zelo indiscreto.

Como a ordem não entendo,
Porque me ey de governar,
Tudo quero emmendar,
Mas a mim nunca me emmendo.

Mà condicção.

Posto que todos me emmêdem,
Ninguém faz comigo avença,
Cuido que todos me offendem,
E eu sò sou minha offensa.

Afeição desordenada.

Nenhuma alma hoje me tem
Que seja esperitual,
Quando quero mayor bem,
Então me faço mòr mal.

Amor profano.

Por fantastica invensão
Procede meu bem querer,
Por bens que não pòdem ser,
Sofro o mal que já são.

Arrogancia.

Da graõ soberba sou filha,
Cuido que são meus os Ceos,
O mal propio não me humilha,
E incho com o bem de Deos.

Distraição.

Do que he culpa, faço graça,
Do que he peccado, ventura,
A alma trago na praça,
E o corpo na clausura.

Descortesia.

A honra como thesouro,
Nego a todos por mais brio,
Faço della fino ouro,
Porque a pezo ouro, e fio.

Temeridade.

Por muy indiscretos meyo,
Espreito alheos peccados,
Naõ entendo meus cuidados,
Julgo cuidados alheos.

Dureza.

No cuidar, no fallar erro,
Por ter duro o coração,
Fallo palavras de ferro,
Cuido que são de algodaõ.

Rudeza.

Erro agòra, e sempre errey,
Nem entendi, nem entendo,
Sempre apprendendo me sey,
Mas nunca sey, o que apprendo.

Mexerico.

Por malicia, e por parvoice,
Pecco huma, e outra vez,
Dizendo o mal que outrem disse,
Faço o mal, que elle não fez.

Fraqueza da Alma.

Os que de mim se fiarem,
Mal lhe irá, se me tiverem,
Cayo, sem me derrubarem,
Mas não me ergo, sem me erguerem.

Ingratidaõ.

Amizades se desfazem,
Por mim, porque não me atrevo,
Pagar mercês que me fazem,
E conhecer as que devo.

FIM.

Decorative image; imagem decorativa

Notas

Os problemas com a pontuação e a ortografia foram corrigidos.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK SAUDADES DE
D. IGNEZ DE CASTRO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away

or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in

the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it,

you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™
Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of

computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate. While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.